VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

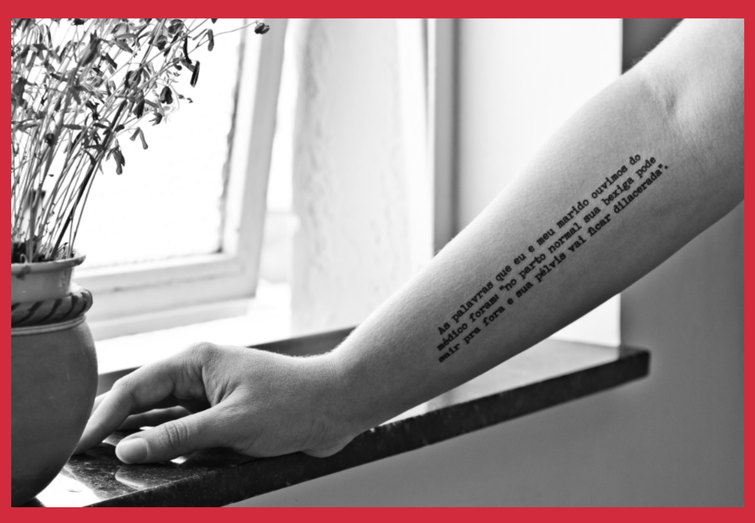
Marcas no corpo, feridas na alma

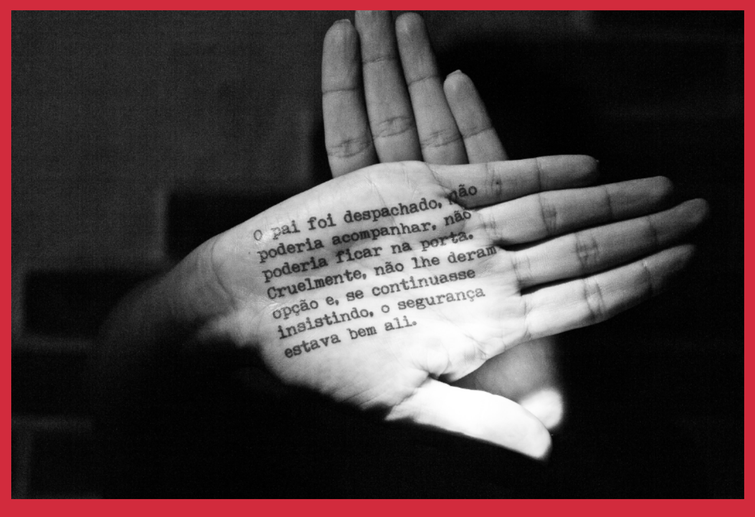
A violência obstétrica é a violência na assistência à mulher durante o parto. No Brasil atinge uma em cada quatro mulheres. É invisível por que não é reconhecida, nem mesmo pelas mulheres, por desconhecerem as boas práticas no parto. E muitas vezes a mulher é responsabilizada pelo problema: “ela não colaborou”, “não se comportou”, “está nervosa”.

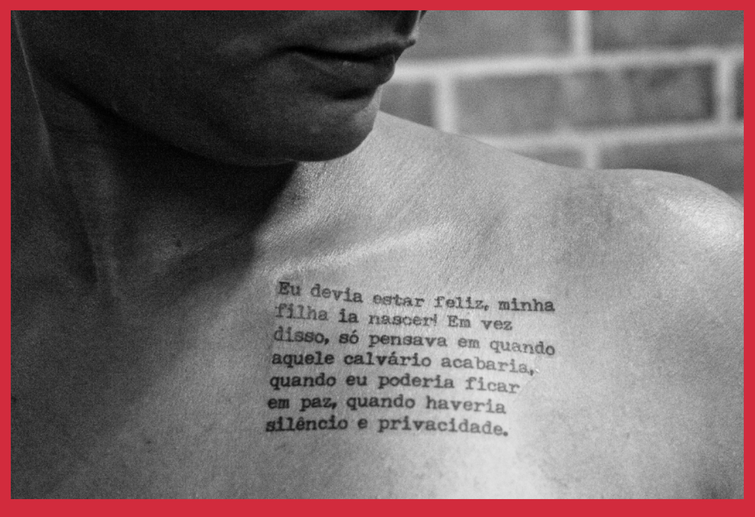
Reproduz a cultura de invasão do corpo da mulher com atendimento desrespeitoso e intervenções desnecessárias no parto, sem informá-la e sem o seu consentimento. Deixa marcas não apenas no corpo, mas traumas para toda a vida. Exames de toque repetitivos, pressão sobre a barriga para empurrar o bebê, uso de hormônios para acelerar o trabalho de parto e o corte da vagina são alguns exemplos. Ainda: a imobilização da mulher no leito, a obrigatoriedade de parir deitada, não ter privacidade, gritar com ela e não deixá-la gritar. Submeter a mulher a uma cesariana desnecessária, sem a devida explicação dos riscos que ela e seu bebê estão correndo. Separar mãe e filho e fazer procedimentos desnecessários com o bebê.

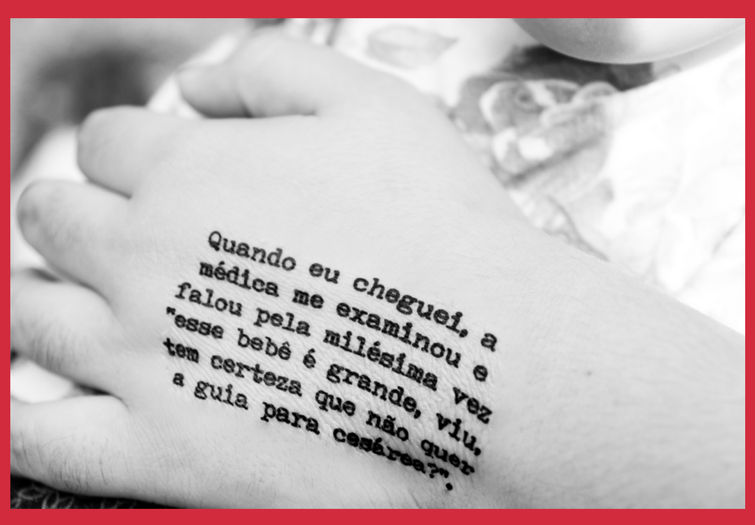
Sem testemunhas – porque as pessoas se calam ou porque a mulher sequer teve acompanhante no parto – e sem o conhecimento da sociedade, a violência no parto atinge dois seres vulneráveis ao mesmo tempo, mãe e bebê.

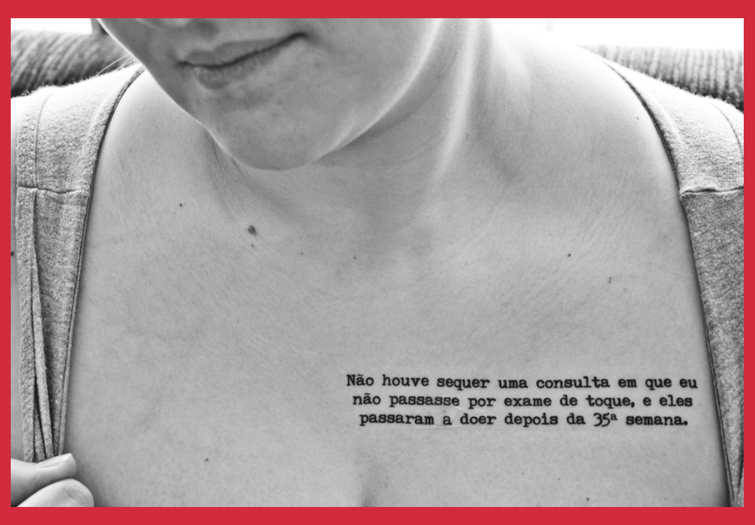
O parto é um momento de alegria, de prazer. A dor fisiológica é suportável. Mas a dor da violência não. Deixa profundas marcas.











Fotos: Carla Raiter, 1:4.